

Quando os "justos" têm as mãos sujas

MAURÍCIO TRAGTENBERG*

Beirute, uma cidade aberta, sofre bombardeios indiscriminados que atingem a população civil, a maior vítima destes. Matam velhos, mulheres e crianças. Tudo isso em nome da construção do sonho imperialista de Menachem Begin do "Grande Israel" que, no Líbano, teria como prepostos os membros das milícias 'cristãs' do nazista Gemayel.

A escalada militar contra o Líbano pouco tem a ver com o atentado de Londres e com a segurança da Galileia. Não se trata mais de uma invasão limitada a 40 Km da fronteira, trata-se de uma verdadeira 'blitz', onde bombas caem sobre aldeias, cidades povoadas e campos de refugiados palestinos já expulsos do Estado de Israel com a 'colonização' levada a efeito.

Isso tudo coloca uma questão. A construção de uma máquina militar a pretexto de 'defesa' tornou o Estado de Israel, especialmente na administração Begin, um aríete expansionista e militarista, que cultivava a ilusão de todos os expansionismos: resolver os problemas suprimindo as populações.

Essa fantasia genocida que é levada à prática por homens como Sharon, movidos pela 'lógica da máquina militar' e como Begin, movido por sua inspiração fascista.

Menachem Begin formou-se politicamente no movimento terrorista "Irgun Zvai Leumi", braço armado da direita israelense, que lutou contra a ocupação inglesa na Palestina. Ao mesmo tempo, Begin é fiel discípulo do criador da 'Jewish Legion' Jabotinsky, teórico direitista que via em Mussolini o modelo do grande estadista político. O que se esperar de uma pessoa assim 'formada' quando dispõe de poder? Somente a expansão da morte e o genocídio.

Da mesma maneira que defendemos o direito de Israel subsistir como Estado, defendemos o direito dos palestinos construir seu Estado, terem seu lugar ao sol. É bem verdade que, contra eles, não milita somente Begin, milita a 'Legião Árabe' de Hussein da Jordânia que já promoveu um genocídio de palestinos há anos atrás, o conservadorismo atroz da monarquia



In Memoriam.

MAURÍCIO TRAGTENBERG foi professor do Departamento de Ciências Sociais da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP); autor de "Burocracia e Ideologia" e "Administração, Poder e Ideologia", entre outras obras.

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02.07.1982.



saudita, o oportunismo da diplomacia egípcia e o oportunismo dos componentes da OPEP, cujo silêncio ante o genocídio implica em cumplicidade.

Nesse momento, o Papa ao condenar a 'escalada militar' no Líbano e pedir um Estado Palestino como reivindicação legítima de um povo humilhado, expropriado e dizimado, deve ser ouvido por todos aqueles que ainda não perderam a razão. Não se deixaram levar pela lógica totalitária da máquina de guerra de Sharon, apoiada na mediocridade política de Reagan. Essa 'escalada militar' poderá liquidar os palestinos como povo, mas é certo que liquidará os israelenses como seres humanos. Essa e a 'banalidade do mal' em sua versão atual.

É melancólico que um povo que conheceu o genocídio, os campos de concentração, seja utilizado como arma pela minoria governante em Israel, que serve a interesses espúrios. Razão pela qual a oposição à 'escalada' cresce também em Israel. O 'Jerusalem Post'

critica essa 'escalada', o ex-Chefe do Estado-Maior Conjunto de Israel, general Chaim Bar-Lev, adverte que é um erro pensar que dizimando a OLP está tudo acabado. Para ele, a única maneira de conter a OLP é por meio de negociações, acordos. O editor da 'Foreign Policy' nos EE.UU, Charles Maynes, adverte que os americanos não acompanharão muito tempo 'fascinados' o genocídio no Líbano, refletindo a divisão de consciência da opinião pública norte-americana.

Já dizia Clausewitz ser a guerra um assunto muito sério para ser levado adiante por militares, a guerra é a política sob outras formas. Política significa negociação, significa sentar-se a uma mesa para dialogar. Com a morte de 30 mil pessoas até agora, Israel poderá ter a vitória no Líbano; será por outro lado a derrota na vitória, jamais conseguirá apagar da memória os horrores dos bombardeios, em suma, essa 'escalada' poderá significar também o começo do fim de Begin e seus aliados. Quem viver, verá.